

Sidnei Possuelo

Eu em primeiro lugar queria agradecer a universidade por propiciar esse espaço hoje muito importante, muito importante, porque vivemos realmente uma crise, e esse espaço aqui é um espaço importante que a gente espera que seja uma sucessão de encontros, que a gente possa divulgar mais essa questão e os índios possam debater mais. Eu realmente não, eu fico confuso, cada vez eu fico mais confuso. Eu não consigo preparar temas, nem temática para chegar e discutir as coisas, eu não tenho nenhuma proposição correta, não trago escrito nada porque cada vez que reúne, cada vez que estou e cada vez que eu escuto, principalmente as lideranças a minha cabeça fica pior, confunde mais com o meu mundo, o meu universo, é verdade. Mas eu quero aproveitar as palavras do Krenak quando ele fala de conversa no terreiro ao pé da fogueira. É muito bom. Porque a conversa do terreiro ela pressupõe sempre um certo romantismo e um momento de sonho e as lembranças vão acontecendo. Tem sido muito difícil ao longo da minha vida viver e participar de momentos que foram terríveis, durante 2 anos eu presidi a FUNAI, num momento também que foi muito importante, antes de presidi-la naquele momento havia outras coisas importantes que foram feitas referências aqui, que era o caso da 169. Não se fala mas eu presidi a comissão tripartite da 169 que veio revogar a 107. A luta pela demarcação das terras de fronteira no Brasil, fala muito do Yanomami, enfim recordar esses momentos é recordar praticamente uma vida, desde quando em 1959 eu botei os pés pela primeira vez no Xingu. Qual é o problema que nós estamos vivendo aqui, agora? O que traz certos amigos indígenas ou não, todos preocupados com essa questão “o que está acontecendo? Estão acabando com a FUNAI? Querem acabar a FUNAI?” Esse encontro era um encontro para acabar com a FUNAI. Isso está acontecendo em Brasília. E eu vou me ater a isso porque isso é uma coisa importante que eles estão vivendo, estão angustiados. A informação é nossa, mas eles não tem, a grande parte das comunidades indígenas estão ausentes, eles não sabem, e aí de repente falam assim “querem acabar com a FUNAI!”, acabar com aquilo que mal e porcamente tem nos auxiliado, mas tem nos auxiliado ao longo de, se pegar em 1910 até hoje, fazem quase 90 anos de indigenismo oficial que mal ou porcamente está aí, está aí, 90% das terras ou 78% da superfície demarcada no Brasil foi com essa coisa horrorosa que chama FUNAI, foi com SPI, hoje eu senti lavar um pouco alma, não a minha, mas de muitos companheiros e porque também escutei muita crítica “a FUNAI, o funcionário da FUNAI”, e muitos se esquecem que estão do outro lado, que pertenceram e

se formaram, viveram, fizeram e o pouco que aprenderam ou muito foi dentro daquele órgão confuso, terrível, que talvez não seja o melhor para continuar já que o país mudou, a sociedade mudou, os povos indígenas mudaram, todos mudaram e talvez ela tem que ser mudada mesmo. De que forma? De que maneira? Eu fico pensando que, eu me recordo essa coisa ao pé da fogueira e vocês vão me permitir, vão ter esse momento ao pé da fogueira para a gente falara essas coisa e descontraír um pouquinho. Porque que é que Megaron diz assim “não, se tira a saúde da FUNAI acaba”, acaba mesmo. A proposta é uma proposta que passa evidentemente a Casa do Índio, são 40 e poucas Casas de Índio, que tem pelo Brasil todo, a parafernália de comunicação, ambulância e um monte de coisa, 600 e poucos DAS que a FUNAI tem espalhado. e de repente tira e passa para FNS, muito bem, até aí, quem sabe, se é essa a intenção do Estado em realmente resolver o problema dos povos indígenas na saúde, ele poderia fazê-lo aproveitando e melhorando, embora com muita propriedade eu acho que renovar, o Estado se renovar a si mesmo, as entidades se renovarem é meio difícil. Então como fica essa questão de passagem da FUNAI, o quê que está na cabeça das pessoas? Está na cabeça das pessoas que de repente vão vir pessoas sem a menor ligação, sem enfim aquele, **a mãe**, sem possibilidade de escutar, aquela intimidade com os povos indígenas, aquela coisa assim que a FUNAI foi conseguindo ao longo do tempo porque ela estava mais ali, mais presente, e eu não estou aqui defendendo a FUNAI, eu já sou aposentado, só tenho um DAS, então não estou aqui ... não é corporativismo. O perigo se consiste no seguinte: o Estado até hoje, o Estado neo-liberal até hoje não disse a que veio. Quando dá passagem do SPI para FUNAI, que o SPI se tornou uma coisa horrorosa porque já lhe faltava a figura de Rondon, já não tinha mais aquela autoridade moral que Rondon fez, os grandes momentos do Estado com relação aos povos indígenas foram pautados em indivíduos, era Rondon e seus oficiais que formava um grupo especial e quando isso acabou, acabou. Talvez a FUNAI possa ter tido na sua história também alguns momentinhos em que ela possa ter melhorado e que também acabou porque era em cima de pessoas, não como uma postura de Estado. O Estado é contra os índios, seja neo-liberal, seja qualquer Estado, o Estado é contra os índios. O Estado até hoje, na sua história, quando reconhece, reconhece terras indígenas, ele diz que está concedendo território aos indígenas, ele ainda não botou na cabeça que ele está reconhecendo a área de povos que habitavam, etc. Quando o Estado dá para algum povo indígena, essas populações que tão distante, tão desvinculada dessa nossa realidade e oferecem, como foi a questão do Xingu, nós tínhamos **o quarto dez**, você lembra Nélio? E dava o anzol para o índio, para ele, e alguma linha para o índio para ele não ir correndo lá na fazenda, não se confrontar com o fazendeiro. Aquilo chamavam paternalismo e até hoje ficou a pecha,

paternalista, Estado paternalista, mas o Estado não é paternalista quando semanalmente ele distribui 60, 70, 100 mil cestas básicas para brasileiros, que estão no nordeste ou que estão, estão inventando até frente de trabalho, o Estado inventa frente de trabalho, inventa cesta básica, mas isso é uma ação social, quando é para os brasileiros, quando é para os índios é paternalismo e isso é uma coisa horrorosa, o índio já é preguiçoso de natureza e isso induz a ele ser mais preguiçoso ainda. Que me desculpem os gestos largos é que eu sou meio tolo nessas coisas, e me emociono facilmente. Essa questão, bom eu já disse que não tinha nada escrito, então de vez em quando eu me perco, eu me perco assim, e aí eu tenho que voltar assim “o que eu estava falando meu deus”, aí começo com outro negócio que não tinha nada a ver com aquilo. Eu estava querendo dizer, ontem eu fiquei pensando um tempão quando eu vi esse daqui da UFRJ, estava assim escrito, crise leva hospitais universitários a desejar até soluções milagrosas, milagrosas, para quê? Para resolver os problemas de saúde, o Estado neo-liberal destrói tudo e não bota nada no lugar. Nós estamos vendo os nossos filhos morrerem aqui, no centro, não há mais educação, as universidades estão sendo destruídas. Que dirá para o índio, o que é índio, é 300 mil, 250, espalhado aí pelo Brasil? Não é nada, não é nada, nós somos 160 e poucos, somos milhões de pessoas, acho que a coisa mais importante que acontece nesses últimos anos é a consciência dessa moçada, eu chamo moçada embora não sejam tão moços, mas são muito mais jovens do que eu, o Krenak, esses rapazes todos, alguns quase da minha idade, você falou que não é chinês, mas que parece, parece também. Então esse pessoal começando a botar o dedo na ferida, o amigo ou inimigo não é a FUNAI, o amigo ou inimigo não está nas ONGs, isso é o tempo que renova, que essas manifestações de cuidado são feitas através ou do estado, município, ou de isso e aquilo. O grande inimigo está no Estado, essa postura ruim do Estado não só está lá dentro não, está no congresso nacional, que não tem um só representante de povo indígena, ele está distribuída, disseminada na sociedade a todos os níveis, até dentro das universidades. Essa pecha contra o índio, essas coisas, isso porque nós até hoje invejamos os índios, na verdade, entende. Invejamos essa liberdade que eles constituíram, que criaram, que nós descobrimos, invejamos esse corpo bronzeado, lúdico, essas festas maravilhosas, é só inventamos o Estado que nos mata, nos falta tempo para tudo, aqui está toda hora, eu vejo, ele passa um recadinho “falta 5 minutos, falta 3 minutos, cala boca, sai”, porque nós estamos sujeitos ao tempo, submissos ao tempo, e os índios conseguiram ultrapassar essa barreira e é isso que nós invejamos no índio, não é só o minério que está de baixo da terra que a gente quer tirar, uma inveja constante desde que descobrimos esses povos, emplumados e bonitos. Eu gostaria de contribuir dizendo que vamos levar a nossa conversa como se fosse ao pé da fogueira e eu tenho certeza que essa

universidade, o motivo que reuniu tantas pessoas, vindas de tão longe, é das melhores intenções. A exposição do Santilli, uma exposição clara, em nenhum momento ele propõe que se acabe com a FUNAI, as ONGs também não são inimigas, elas são momentos importantes, de transformação, como os índios se transformaram, a sociedade se transformou também e tem novas formas de participação, mas não vamos permitir que se extinga esta fundação antes de ter claramente feito a relação da responsabilidade do Estado, para mim que o Estado quer, o Estado neo-liberal quer é, ele viu que dentro da FUNAI, “a FUNAI é uma droga, eu boto a FUNAI para cuidar dos índios, ela não consegue cuidar”, um dos Estados, o Estado brasileiro é o Estado, eu acho, mais criticado na América do Sul, embora ele talvez seja o único que tenha um órgão oficial mesmo para cuidar dos interesses do índio. Então eu acho que descobrindo o índio, isso, o Estado neo-liberal falou assim “vamos desaparecer com essa figura”, que não é que ela foi boazinha não, a FUNAI, nós não vamos nem falar dos erros, mas desaparecendo essa figura da FUNAI, desaparece essa responsabilidade concentrada dela, a FUNAI foi importante na história dos povos indígenas, o SPI foi importante, e ela foi importante até nos seus momentos piores, aqueles momentos piores em que a FUNAI estava entregue as mãos absolutamente de gente que não tinha o menor interesse, estava ali para, nós podemos dizer, para acabar com os índios. A FUNAI era importante que era lá onde “vamos lá e quebramos a FUNAI”, a gente vai e protesta a FUNAI, é uma referência, internamente para os índios sempre foi uma referência, para fora cobrava-se do Estado que ele, a responsabilidade “se você tem a FUNAI, como é que as terras não estão demarcadas ainda?” , e porque que a saúde não está? Porque existe essa coisa. Ao pegar isso e disseminar essa responsabilidade pela sociedade civil, me parece que o Estado quer tirar a sua responsabilidade, que é histórica, esse povo que constitui o povo do Brasil tem a responsabilidade, o dever, não só de demarcar e de fazer uma saúde especial para os povos indígenas, eles não estão aqui, o supermercado não está ali, não tem farmácia perto, você tem que montar dispositivos que tire essa gente, que bota essa gente, que socorra essa gente, com FUNAI, sem FUNAI, com ONG, com coisa, tem que haver um tratamento diferenciado para a questão de saúde se não eles vão morrer. Não adianta só o Estado ficar demarcando terra e falar “agora acaba” porque eles morrem lá dentro se você, você Estado, que diminuiu a suas terras, delimitou, agorinha mesmo eu brincava com o Aílton e dizia para ele que, agora a grande possibilidade que a União oferece é o índio demarcar sua terra, não é demarcar sua terra, é formar sua própria prisão na verdade “damos possibilidade de você construir a penitenciária onde você vai ser preso”, ora isso é uma forma de brincar de certa forma com a coisa, não é bem assim, nós sabemos que tem que ter fronteiras, limites, se não destróem tudo,

nós sabemos disso, mas só agora vieram, nunca deixaram essa possibilidade, então pegando as palavras também aqui do Megaron, há lugar para todos nós na sociedade, me parece que essa figura do Estado tem que estar concentrada em algum lugar para dar oportunidade ao índio chegar lá e meter a borduna na cabeça do cara que está ali “você não está agindo direito”, me parece que tem que existir essa responsabilidade não é, concentrada num órgão, de alguma forma, não sei como vai chamar, esse órgão necessariamente, e isso já foi muito dito, não precisa ele só fazer, se outros vierem fazer, mas fazer realmente, fazer realmente, porque em alguns momentos até que fez razoavelmente, que não se lembra, o Estado quando quis fazer por exemplo na questão de endemias rurais, que não se lembra? Aqui é tudo gente que conhece esses rios por aí afora gente, que não se lembra de SUCAM, no último igarapé não sei lá onde, era um funcionário do Estado que fazia aquilo, então quer dizer um funcionário do Estado, o Estado somos nós, nós fazemos, o Estado. Então quando o Estado quer ele pode fazer alguma coisa, ficou 2 ou 3 dias sem haver um assassinato aqui no Rio de Janeiro, puseram toda a parafernália, um monte de metralhadora, um monte de coisa aí e a turma se mandou, falou “vamos esperar passar esse encontro aí para depois nós vamos assaltar todo mundo”. Então quando o Estado quer ele pode tomar algumas providências, ele pode tomar algumas providências, então o meu desejo fundamental é o desejo de todo mundo aqui e isso foi feito para isso, é encontrar os caminhos, as soluções, que possam auxiliar os povos indígenas, auxiliá-los, não se trata de extinguir **[fim da fita]** mas sem dúvida nenhuma eu era o pior, o mais rebelde, e não tinha nem papo, eu não estava nem aqui conversando, eu não estava conversando, eu já estava morto, eu declarava guerra ao Brasil. Então é bom que não esteja, mas isso é uma loucura, por isso esses momentos são bons aqui porque nós estamos ao pé da fogueirinha, falando de coisa que brotam do coração, falando da nossa vida, no meio desses momentos importantes, porque a única coisa que eu peço, o meu agradecimento ao Pacheco, está chegando ali, por fazer isso aqui, esse encontro, que esse encontro possa ser reproduzido, que de alguma forma a gente faça informar os povos indígenas que estão fora daqui, não sabem o que está acontecendo, eles não sabem, Megaron, eu não sei quem disse aqui “precisamos fazer chegar encontros desses longe daqui”, na Raposa Serra do Sol, foi você que falou, não? Raposa Serra do Sol. E só para terminar porque vamos entrar nos debates eu peço perdão por não ter escrito nada, mas não é da minha confirmação, perdão pelos excessos, agradecer o Pacheco, vamos fazer mais disso aqui e que aqui não seja um ponto de desunião, aqui é um ponto para unir todos nós na busca dessas soluções e lembrar, falou em Raposa Serra do Sol eu lembrei, foi meu último ato como presidente da FUNAI, o meu último ato foi assinar e reconhecer aquelas terras e eu fiz com

muito orgulho, me chama de louco mas, foi uma loucura boa que eu recordo agora, aqui. Gente, desculpe, vamos ao mais importante que é o debate que vão acontecer por aqui e me perdoem pelos excessos.